



PAULO DE TARSO: A EDUCAÇÃO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Lorena Munhoz da Costa¹; Reginaldo Aliçandro Bordin²

RESUMO: O presente trabalho objetiva estudar a educação cristã do primeiro século a partir dos escritos de Paulo de Tarso. Este passou de perseguidor da Igreja a apóstolo, pregador e fundador das primeiras comunidades cristãs. Apesar da rígida educação judaica que recebera e o contexto helênico de sua época, Paulo negou qualquer influência da cultura clássica sobre seus ensinamentos. Através de suas cartas, pretendia suprir as necessidades concretas existentes nas comunidades, utilizando-se de um vocabulário simples e familiar. A proposta de Paulo para a formação do homem cristão baseava-se na imitação de Jesus Cristo. O estudo de suas cartas contribui para a compreensão das origens do Cristianismo e de suas propostas para a organização de um novo modelo de sociedade, que, nos seus fundamentos pedagógicos, institucionais ou teológicos tiveram alcance universal e continuam a influenciar a sociedade nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo Primitivo; Educação; Paulo de Tarso.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propôs-se a investigar a educação cristã no primeiro século do Cristianismo, com base nos textos de Paulo de Tarso, que passou de perseguidor da Igreja a apóstolo, pregador e fundador das primeiras comunidades cristãs.

Paulo nasceu no início da era cristã, por volta de 5-10 d.C, em Tarso, na Cilícia, província romana e grande centro cultural, filosófico e econômico. Usufruiu de uma condição social privilegiada, devido à cidadania romana. Formou-se em Jerusalém, onde recebeu uma educação rigidamente judaica, baseada na interpretação da lei e nas Escrituras de Israel em geral (KOESTER, 2005b).

O ambiente em que Paulo cresceu e educou-se – a diáspora judaica – o influenciou na apropriação da língua grega e de elementos presentes da corrente filosófica originada por Zenão, o Estoicismo (KOESTER, 2005b). No entanto, declarou que o Evangelho, por ele ensinado, não provém de homens, mas da revelação de Deus (Gl 1-11-12). Portanto, negou qualquer influência da cultura clássica sob sua mensagem.

Resquícios do movimento chamado helenismo, caracterizado pela propagação da cultura grega, bem como sua língua e educação, pelos territórios conquistados por Alexandre Magno, continuaram presentes por muitos séculos após o seu fim. O cristianismo foi visto como uma religião helênica, visto que surgiu no princípio do período imperial romano. Paulo que nasceu nesse contexto, possuía fortes traços dessa cultura em sua história e educação (KOESTER, 2005a).

Os dois nomes por que Paulo foi chamado – Saulo e Paulo – revelam sua origem na diáspora judaica e dupla influência cultural, visto que era comum, entre os judeus da diáspora, acrescentar o nome greco-romano ao nome judaico. Paulo mostrava zelo pelas tradições religiosas e éticas do judaísmo. Seu apreço pela lei levou-o a se tornar um perseguidor assíduo dos seguidores de Jesus Cristo (BARBAGLIO, 2001).

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Programa de Iniciação Científica do Cesumar(PICC). lo_munhoz@yahoo.com.br

² Orientador e Docente do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. rabordin@uol.com.br

De fariseu zeloso para com a Lei, Paulo se tornou um anunciador da doutrina cristã (MEEKS, 1997). A partir de então, segundo ele, a fé no Messias crucificado era o único caminho para a salvação, porque a antiga aliança havia chegado ao fim com a vinda e morte de Jesus. Passou por um processo de conversão, onde o novo substitui o velho.

Paulo realizou inúmeras viagens pelos centros urbanos com o propósito de formar comunidades com base nos ensinamentos de Jesus. Segundo Barbaglio (1989), essa fase de Paulo pode ser dividida em três: a primeira seria o período entre sua conversão e a agregação à comunidade de Antioquia da Síria; na segunda, o apóstolo aparece como enviado da Igreja para a primeira grande missão junto aos pagãos; e, na terceira e última fase, Paulo, sem Barnabé, segue sua missão com autonomia, orientando numerosas Igrejas na Ásia Menor e na Grécia; e, sobretudo, como principal pregador do cristianismo de língua grega (BARBAGLIO, 1989).

Inicialmente, Paulo estava vinculado à igreja de Antioquia, a primeira comunidade formada por seguidores de Cristo, judeus e gentios. Esteve lá durante seus primeiros anos de missão, trabalhando e aprendendo sobre os chamados textos bíblicos (KOESTER, 2005b). No entanto, um fato em Jerusalém gerou uma importante discussão que mudaria o rumo da missão de Paulo e do Cristianismo: foi levantado, em Jerusalém, a necessidade de circuncidar os pagãos convertidos, para que fossem considerados dignos de salvação. Paulo se opôs vigorosamente, pois, segundo ele, esta imposição põe em risco a verdade do Evangelho "... se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão" (Gl 2,21). Ele defendia a liberdade que agora existia em função do sacrifício de Cristo: "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo da escravidão" (Gl 5,1). No entanto, a ala mais conservadora da igreja de Antioquia, representada por Pedro, opõe-se a Paulo. Nesse momento, este rompe o "cordão umbilical" que o ligava a essa congregação e inicia uma caminhada sozinho – sem o auxílio da comunidade de Antioquia e sem Barnabé que o acompanhara nas viagens até aquele momento – levando a mensagem de salvação, com autonomia, a todos - sem fazer distinção de condição social ou cultural (FABRIS, 2001).

Em suas viagens missionárias, Paulo não limitou sua missão ao simples anúncio da Palavra que acreditava correta, mas buscou, também, formar comunidades maduras e auto-suficientes. Frequentemente, se correspondia com elas por meio de cartas, nas quais exortava, confortava, ensinava e orientava para que se desenvolvessem. São, ao todo, treze cartas, embora apenas sete lhe sejam atribuídas com segurança, a saber: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filêmon (FABRIS, 2001).

Paulo é considerado um dos primeiros e mais importantes teólogos do Cristianismo. O estudo de suas cartas contribui para a compreensão das origens deste movimento religioso e de suas propostas para a organização de um novo modelo de sociedade que influenciou, quer nos seus fundamentos pedagógicos, institucionais ou teológicos, os dias atuais. (FABRIS, 2001).

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho tomará como ponto de partida a leitura e análise dos textos de Paulo para identificar a concepção de educação. Considerando que suas cartas foram escritas num contexto econômico, social, filosófico e religioso específicos, o trabalho pretende cotejar suas cartas com outros textos da época para identificar um processo de transformação social que resultou na formação do mundo cristão.

Nesse caso, o ambiente estudado será o primeiro século da era cristã, período que representou a decadência da cultura clássica, a grega, e a formação das primeiras comunidades cristãs.

Além disso, caberá fazer uma pesquisa de outros autores que procuraram entender os textos e as idéias de Paulo Apóstolo à luz da historiografia, bem como de seu contexto. Essas leituras possibilitarão um exame crítico do autor, identificando as contradições de sua época bem como suas intenções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na época de Paulo de Tarso, os seguidores de Jesus Cristo ainda não eram chamados cristãos. Nem mesmo Cristo indicou possuir a intenção de formar uma nova comunidade, muito menos de postular que os membros dessa nova comunidade seriam considerados os únicos eleitos para a salvação. Mas, segundo a tradição, veio ao mundo enviado por Deus para cumprir a promessa feita a Moisés e salvar o mundo através de sua morte e ressurreição, selando assim uma nova aliança (Hb 9, 11-21). Porém, seus seguidores organizaram-se em novas comunidades, onde praticavam seus ensinamentos e formaram uma tradição baseada na lembrança de suas atitudes em vida terrena (PEREIRA MELO, PIRATELI, 2006).

Paulo partia de uma concepção baseada no dualismo entre mundo físico e mundo espiritual. Nesse aspecto, assemelhou-se à filosofia de Platão, uma vez que se aproximou de alguns de seus termos, a exemplo de espírito, alma e corpo (FABRIS, 2001). Segundo Paulo, o homem vive em uma luta constante entre o espírito e a carne. O espírito, contudo, deve prevalecer sobre os desejos do corpo, que devem ser suprimidos. O corpo deve ser sacrificado a Deus (Rm 12,1).

O chamado a frequentar a nova religião era para o homem tornar-se nova criatura, nascendo de novo, segundo os princípios da doutrina cristã, mas não na dimensão cultural e religiosa, mas no âmbito existencial. Agora, o mais importante não era cumprir ou não cumprir a lei ou apenas respeitar as regras sociais. Ao contrário: negar-se para si próprio e viver para e por Deus, para que Sua glória fosse revelada. (BARBAGLIO, 1989).

A proposta de Paulo para a Igreja consistia na idéia família, onde todos seriam filhos do Deus Pai. Logo, como irmãos, todos os cristãos, fossem senhores ou escravos, ricos ou pobres, deveriam tratar-se com respeito, igualdade, solidariedade e amor (FABRIS, 2001).

Em sua própria relação com as comunidades, Paulo remetia às figuras familiares: agia como um pai que procura educar seus filhos. Estava sempre buscando informações sobre as comunidades, com as quais se comunicava através de cartas e mensageiros. O apóstolo tinha uma participação efetiva na vida das comunidades (FABRIS, 2001).

Paulo contava com a educação de filhos dentro dos lares. Aconselhava aos pais cristãos a educarem suas crianças de modo que internalizassem os princípios cristãos e vivessem uma vida reta no âmbito moral. A conscientização da responsabilidade dos pais sobre a educação dos filhos é o retorno à tradição judaica dentro do Cristianismo (HAMMAN, 1997).

Essa passagem do velho para o novo homem, da vida de pecados para a vida de virtudes, era simbolizada pelo batismo. “O batismo representa morte e ressurreição e a ressurreição implica nova vida” (MEEKS, 1997, p. 96).

Além do batismo, outros ritos foram adotados como prática pelas comunidades cristãs. O mais importante é a refeição comunitária, a eucaristia, na qual todos comiam do pão e bebiam do vinho (1Co 11,23-26). O pão repartido entre todos da congregação tem o

significado do corpo de Cristo que foi entregue, segundo a vontade de Deus, para que todos agora fizessem parte desse corpo. O cálice de vinho remete à nova aliança selada pelo sangue do Cordeiro (KOESTER, 2005b).

Existiam, ainda, os rituais menores, com o intuito de criar costumes que recordassem diariamente os ensinamentos. No vocabulário, por exemplo, Paulo ensinou aos colossenses que tudo o que fizessem, fizessem em nome de Jesus, dando graças a Deus. (Cl 3,17). Instituiu a prática do jejum, como forma de negar-se a si mesmo e aproximar-se mais de Deus (Ef 4,16). E, por fim, ensinou-lhes a dar ofertas para os necessitados (1Co 16,2). Esta prática, em especial, teve importante papel na institucionalização da igreja na sociedade. Mas, todas foram importantes para a organização das comunidades cristãs e a diferenciação destas para as outras religiões. “As práticas dos cristãos não se limitavam a ocasiões e lugares sagrados – santuários, sacrifícios, procissões – mas eram parte integrante da formação de comunidades com autoconsciência distintiva.” (MEEKS, 1997, p. 111).

Uma das principais estratégias missionárias de Paulo foi adaptar-se aos costumes daqueles por quem Paulo desejava evangelizar. Com os judeus, por exemplo, se comportava como um judeu – submetido à lei, para que pudesse conquistá-los (1Co 9,20). Da mesma forma, Paulo agia como um “sem-lei”, para conquistar aqueles que viviam fora da lei (1Cor 9,21). Era fraco, para os fracos (1Cor 9,22). O apóstolo não media esforços para conquistar novas pessoas para Cristo: “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (1Cor 9,19).

Através dessas cartas, Paulo não pretendia formular um corpo de reflexões teológicas complexas e sistematizadas, mas sim, suprir as necessidades concretas existentes nas comunidades de seu tempo. Era, portanto, a chamada teologia aplicada (BARBAGLIO, 1989).

Paulo não foi um ilustre pensador ou intelectual, no sentido clássico, mas realizou uma rica interpretação da fé cristã. Barbaglio (1989) afirma que a teologia paulina sustenta-se nos aspectos extremos da realidade humana e espiritual: morte e ressurreição; lei e fé (ou graça); “Carne” e Espírito; perdição e salvação; desobediência e obediência; Pecado e “justiça” (ou graça); ira divina e “justiça” de Deus; escravidão e filiação (ou liberdade); sabedoria humana e sabedoria divina; fraqueza e força; velho-novo; um e todos; entre outros. Além disso, pontua que o “Apóstolo dos Gentios” categorizou aspectos da fé cristã, como graça, justificação e salvação de forma penetrante e com grande expressividade nunca vista antes. Explorou significativamente princípios e conceitos importantes que caracterizam sua proposta formativa, utilizando um vocabulário simples e direto, pois os membros das comunidades eram predominantemente pertencentes às classes mais populares das cidades. Dessa forma, todos poderiam compreender aquilo que pretendia ensinar (BARBAGLIO, 1989).

Paulo de Tarso doou-se por completo à causa missionária, de modo que é difícil separar sua vida particular e sua função de apóstolo. Utilizou sua vida como umas das principais ferramentas para pregar e ensinar. Era um exemplo vivo de homem submisso a Deus que, ao mesmo tempo, reconhecia suas fraquezas e limitações. Apontou-se como um exemplo a ser imitado e convidou aqueles que seguiam a Cristo para buscarem ser exemplo para as outras pessoas, também: “Irmão, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós” (Fl 3,17).

CONCLUSÃO

A forma pela qual Paulo compreendeu e transmitiu a mensagem de Jesus Cristo o consagrou como um dos mais importantes teólogos da história do Cristianismo. Sua

personalidade, ao mesmo tempo sensível e rígida, foi de extrema importância para a formação do caráter daqueles que viriam a ser chamados cristãos. Elaborou de modo direto e prático um corpo de cartas que serviram para a organização dos seguidores de Jesus em (MEEKS, 1997).

O Cristianismo, enquanto organização social e moral, elaborou uma visão de homem e de mundo que se enquadrasse no perfil de Jesus Cristo, de modo a tornar-se padrão universal. Para a compreensão do Cristianismo, é fundamental conhecer a vida e as cartas do apóstolo Paulo, visto que este foi um dos primeiros e mais importantes organizadores dessas comunidades.

Suas lições não se limitaram a determinada época. Estão presentes até hoje na vida dos cristãos, bem como na sociedade em geral. Destarte, diante de tantas questões complexas debatidas atualmente acerca da condição do homem, o retorno aos clássicos – como Paulo – pode contribuir significativamente para a compreender essa situação.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. **As Cartas de Paulo**. São Paulo: Loyola, 1989. v. 1.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo: Apóstolo dos gentios**. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Luz do Mundo)

HAMMAN, A. G. **A Vida Cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)**. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrologia)

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. Volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005a.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. Volume 1: história, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005b.

MEEKS, Wayne A. **As origens da moralidade cristã: os dois primeiros séculos**. São Paulo: Paulus, 1997. (Bíblia e sociologia)

NUNES, Ruy A. C. **História da educação na antiguidade cristã: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo**. São Paulo: EPU, 1978.

PEREIRA MELO, José J.; PIRATELI, Marcos R. (org). **Ensaio sobre o cristianismo na antigüidade**. Maringá: Eduem, 2006.